

Artigo de opinião

(Por Lúcio Neto Amado)

Título: A criança e o adolescente – duas faces do mesmo problema?

Ser-se criança e adolescente na República [Democrática] de São Tomé e Príncipe, não é o mesmo de se ser criança e adolescente fora de portas. Fora de portas significa, literalmente, nas outras paragens, nos outros continentes, nos outros países, nas outras comunidades.

As únicas coisas que coincidem, em todo o mundo, são, as idades cronológicas e a diferenciação do sexo. Em tudo o resto, os procedimentos não serão tão lineares, quanto ao Estatuto Universal que lhes é devido.

Quer tudo isso dizer que, o que difere, no fundo, são os contextos.

A criança em São Tomé e Príncipe

É uma carga de trabalhos ser-se criança neste verdejante arquipélago, cuja população ainda não conseguiu atingir (segundo a estatística do último Censo) a cifra de duas centenas de milhares de almas. Não sabemos se essa é uma vantagem ou se é, precisamente, o contrário, uma desvantagem.

Acreditamos que, neste globalizado mundo, as crianças terão um tratamento diferenciado – de acordo com o grau de desenvolvimento, nuns casos e, do crescimento, nos outros casos – do país onde ela esteja integrada. A protecção à infância, não parece fazer parte da preocupação de alguns países do planeta por nós habitado.

De um tempo a esta parte, algumas crianças são concebidas, no nosso país, de uma forma “inadvertida” ou seja, elas surgem, devido a relações fortuitas de meninas adolescentes com os seus pares ou, com indivíduos mais velhos.

Daí resulta o complicado fenómeno de gravidez precoce, com todas as consequências, nefastas, que isso acarreta. Este cenário prolifera (como cogumelos) infelizmente, na nossa sociedade, sem forma de resolução, a curto médio prazo.

Outra forma de concepção resulta de mulheres na casa dos 20-30 anos, que, regra geral, já têm no “kinté”, três, quatro, mina anzú ou mino quêtê¹, de pais diferentes, que, mesmo assim, ainda procuram obter, mais uma criança do sexo diferente, daquele que prolifera lá em casa².

Também existem casais que planificam e têm as crianças de acordo com os cânones sociais de uma vida *sã* de casamento ou da união de facto. Entenda-se vida *sã*, como aquela que encerra em si, a existência de uma vivência baseada nos princípios, que consagram, universalmente, uma família nuclear.

¹ Mina anzú (língua do forro); mino quêtê (linguí'yé - língua do Príncipe) têm o mesmo significado: Criança.

² Fica-se com a sensação de que a máxima cultivada pelos nossos avós: *mina sa likêsa póbli*, (os filhos constituem a riqueza dos pobres) continua actual.

As crianças são-tomenses, não têm, à partida, todas, o mesmo percurso de crescimento e de maturação. O patamar social onde elas se encontram inseridas, logo à nascença, dita, por vezes e, de uma forma decisiva a sua inserção, na sociedade no seu todo, como futuro cidadão.

Logo à nascença, existem crianças que não são registadas, nem pela mãe, nem pelo pai biológico. Esse suposto “pai” biológico, por vezes não tem rosto, uma vez que a mãe da recém-nascida (criança) há muito lhe perdeu o rasto.

Outras crianças são registadas, no limite, como tendo, somente... mãe. Algumas, embora sejam registadas pela mãe e pelo pai biológico, nunca terão a oportunidade de conhecer o rosto do mesmo.

Caso extremo, são as crianças que possuem Bilhete de Identidade. Até aí, possuir o Bilhete de Identidade, é absolutamente normal. Só não é *normal*, uma criança ter esse importante documento e, na parte da filiação, constar apenas um traço, em vez do nome, ou do pai, ou da mãe, ou de ambos.

Como é possível um Organismo do Estado emitir um Bilhete de Identidade, onde um cidadão não tem... filiação? Parece incrível, mas existe no nosso país.

Uma percentagem mínima de crianças, no nosso país, conseguem conhecer o pai e a mãe e, ter uma vida razoável no seio de uma família, no sentido restrito do termo.

As fraldas, o leite, as papas, os afectos, os medicamentos, os cuidados a que os recém-nascidos estão sujeitos, não fazem parte do universal *pacote*, convencional e estatutário, dessas indefesas crianças, que nunca pediram para nascer.

Algumas dessas crianças, nunca saberão, o que é brincar. Vão crescer passando, rapidamente de criança a adulto, sem fazerem o percurso que qualquer ser humano deve cumprir no seu processo *normal* de maturação.

O adolescente em São Tomé e Príncipe

O adolescente vive dias de angústia nesta pátria de Marcelo da Veiga (1892-1976); de Maria Manuela Margarido (1925-2007); de Sum Yana (1897-1967); de Alexandrina Barros (1932- ?).

Desde logo, ao chegar a essa idade que o consagra como adolescente, passa por uma triagem cuja rigorosidade peca mais por excesso, do que por defeito. Essa triagem é mais célere no adolescente do sexo feminino que é fustigada, a partir do momento em que lhe aparece o período menstrual.

O assédio sem precedente, que lhe é movido pelos homens, não encontra ecos de uma protecção firme e determinada, nem no seio da Família, nem nas salas de julgamento dos Tribunais (onde a Justiça continua cega) nem nas carteiras da Escola.

Um dos maiores flagelos com que as adolescentes têm de conviver, na nossa novel sociedade – novel porque existimos como sociedade livre, há cerca de 39 anos – é a gravidez precoce. Outros males andam associados a essa praga: as doenças sexualmente transmissíveis e a miséria a que a jovem é, irremediavelmente remetida.

Do abandono precoce da escola, quase com carácter definitivo, ao desemprego vai um diminuto passo. Ela será mais uma vítima *involuntária* dessa bolsa da pobreza que «*persegue*» inexoravelmente, os países Terceiro Mundistas.

Resta-lhe a sociedade que, em vez de aplicar um *correctivo* aos prevaricadores, aponta-lhe, pelo contrário, o dedo em riste, culpando-a dos males causados pelos predadores que andam a solta em todo o lado.

Os adolescentes do sexo masculino têm outras prerrogativas na sociedade, por serem... machos. A socialização joga um papel fundamental na educação que se ministra a um rapaz e a uma menina.

A distribuição de tarefas e o papel social que é atribuído aos dois sexos determina, em grande medida essa tibieza que representa a educação e a orientação do rapaz e da rapariga. Naturalmente, que essa não é uma atitude exclusiva do arquipélago são-tomense.

Nas outras paragens, a sociedade convive com problemas semelhantes. Basta estar-se atento aos Mídias internacionais, que relatam situações preocupantes.

Aqui e ali, acontecem situações indignas de um século que devia estar longe de processos que roçam a barbárie, mas que parece, conviver com estas e outras questões díspares, do ponto de vista civilizacional.

Para ilustrar essa situação, refira-se que na Índia, duas adolescentes (de castas inferiores) foram, no mês em curso, violadas e enforcadas. No nosso continente, no país mais populoso da África subsaariana, 223 adolescentes são sequestradas por um grupo radical. De outros pontos do Globo continuam a chegar notícias aterradoras.

O 25 de Maio e o 1 de Junho

Estas duas datas, cuja importância histórico-sociológica, é marcante, têm, cada uma delas, o seu significado. Embora esse seja um significado simbólico, ambas são celebradas em São Tomé e Príncipe, como em muitos países do continente, com alguma solenidade.

O 25 de Maio marca o dia em que se convencionou chamar o *Dia de África*. Essa data não foi escolhida de uma forma aleatória, ela resulta, da tenacidade e da afirmação que os líderes independentistas africanos empreenderam para abrir caminhos para a descolonização.

Em São Tomé e Príncipe a data é aparentemente celebrada, com menos pompa e mais circunstância. Regra geral, os jovens são quem mais parece vibrar com essa data, uma vez que ela parece significar, nalguns casos, mais um “*feriado*”...

A comemoração encontra eco junto dos adolescentes que têm mais um pretexto para sair de casa e, ao abrigo e ao aconchego da Escola, transformam-se em adultos em ponto pequeno. Adulto, no sentido em que o seu comportamento assemelha-se ao de alguns cidadãos que exibem, na sociedade, uma conduta desprovida de bom senso.

Um adolescente é, justamente, de esses que estamos a falar; não deve, em princípio, exibir comportamentos desviantes, assumindo esta postura dentro dos estabelecimentos de Ensino e fora destes.

Foi isso que se passou nalguns Liceus do nosso país, na comemoração do dia 25 de Maio de 2014. Nesses espaços de socialização e de aprendizagem, viam-se jovens a

dessedentar-se, serenamente, com bebidas com alto teor alcoólico³, sem serem incomodados, nem por professores, nem por funcionários administrativos, nem por outro adulto qualquer. Nesse sentido torna-se necessário, conhecer-se e aplicar-se, a Lei nº 3/2012⁴ publicada no Diário da República número 4 de 27 de Janeiro de 2012.

O recinto escolar não é, propriamente, um local onde se vai fazer exposições de “afirmação” e de *obscenidades* gratuitas. Há valores que são inalienáveis em qualquer sociedade.

A Escola é um local que carrega dentro de si um *poço* de virtudes, mas, também, existem alguns pontos, menos bons. As virtudes são, grosso modo, a educação e a instrução, a assimilação da cultura e da identidade, etc. Os pontos menos bons, embora sejam residuais, mas eles existem e podem ser observados a olho nu. A Escola é, no fundo, uma Instituição social básica que existe para servir o indivíduo.

A socialização é um processo que tem o seu início no seio da Família e é complementada pela Escola. Como existe uma pequena “crise” de identidade dessa instituição que é a Família (no sentido lato do termo) a sociedade representada pelos cidadãos, esperam que a Escola venha a colmatar essa “brecha”.

Mas, a Escola do nosso país, também parece navegar em águas turvas, à deriva de um vento ciclónico, qual *tsunami*, que teima em quebrar os «*mastros*» da civilidade.

Esse aparente desnorte que se verifica nas nossas escolas públicas, tem de ser corrigido de imediato. As consequências para a nossa juventude, são, completamente devastadoras.

O Desporto e a Educação Física andam arredios de todas as manifestações culturais da nossa República. Contudo, continuamos a participar em Jogos Desportivos Juvenis organizados pela Lusofonia, competindo com países que se preparam convenientemente para eventos dessa natureza.

Nem o Estado central, nem as Autarquias locais investem em equipamentos desportivos no país. Não possuímos um estádio de futebol, digno de esse nome; não existe um recinto com medidas oficiais, onde se possa praticar desportos como o Basquetebol, o Andebol, o Voleibol. Grande parte dos nossos jovens, apesar de serem ilhéus, não sabem nadar. Não existe nenhum tanque de aprendizagem, nem uma piscina, seja de que dimensão for.

Os acervos culturais constituem outra «*pedra*» no *sapato* de quem dirige os destinos da República: não temos um teatro, não temos um cinema, não temos um festival de música, não temos... As nossas danças tradicionais, nomeadamente a Puíta, são

³ Bebidas como genebra, vodka, whisky, cerveja, vinho. Os sumos ficaram timidamente escondidos nas lojas e nos quiosques que proliferam por tudo quanto é sítio, nessa economia informal, que caracteriza o nosso país. Outros jovens levaram de casa cacharamba (aguardente produzida artesanalmente) misturada com outras bebidas. Torna-se necessário a proibição de venda de bebidas alcoólicas a menores. A essa proibição deve-se adicionar um forte apelo educativo aos Pais e aos Encarregados de Educação, para colaborarem com a escola e com a sociedade em geral. Para isso é fundamental a introdução de uma disciplina de **Educação para a Cidadania**, nas Escolas Públicas e Privadas.

⁴ A Assembleia Nacional produziu, em tempo oportuno, a Lei nº. 3/2012, que regula a “**Proibição do Acesso de Menores aos Recintos Públicos e Lugares de Venda de Bebidas Alcoólicas, Tabaco e Proibição do Acesso aos Dispositivos de Armazenamento e de Reprodução Magnética**”. A Lei já existe, faltando, apenas a sua rigorosa aplicação.

dançadas de uma forma “*adulterada*”, que roça a incivilidade. A maior parte das bandas e conjuntos musicais da actualidade, já não tocam esse género musical que é a Ússua.

O 1 de Junho, por sua vez, é celebrado no nosso país de uma forma exuberante.

Até aí, nada há a registar, sobretudo porque se comemora o Dia da Criança. Nós somos de opinião, que todos os dias são *Dias da Criança*.

Mas, é necessário saber-se de que criança se está a falar.

Ser-se criança deve encerrar uma série de “*coisas*” boas na vida de esses pequenos seres vivos. O que acontece é que esse dia (1 de Junho) é mais do ADULTO do que propriamente dos petizes.

Grande parte dessas crianças passam trezentos e sessenta e quatro dias, privadas de ingerir uma refeição (digna de esse nome) por dia, faltam por vezes às aulas por não terem batas, ou um par de sapatos, os cadernos e os lápis, escasseiam. Chegados ao dia 1 de Junho, as meninas vão ao cabeleireiro, algumas são maquilhadas, vestem roupas, semelhante a dos adultos e... lá vão elas, todas contentes para a Escola.

A comida que é confeccionada ultrapassa, em muitos casos, a comida que, geralmente se faz, por exemplo na solenidade de uma festa de baptizado. Os bolos são exageradamente grandes; os churrascos à moda da terra; o guisado de feijão e outras iguarias fazem a delícia de qualquer, farrista militante.

Mas as bebidas alcoólicas aparecem como que, por arte de magia para os... adultos que vão «*participar*» na festa. Dificilmente se vêem sumos ou águas para as crianças, que são postas de lado a ver os adultos a deleitarem-se com um repasto digno de um monarca setecentista.

A festa que supostamente seria para as crianças, é para os Pais e Encarregados de Educação. Alguns deles só ficam a conhecer o(a) professor(a) nesse dia.

Este ano, não houve aulas no dia seguinte, porque as escolas alegaram que estavam a fazer a ... limpeza. As escolas terão ficado, num estado tal, que foi necessário levar-se um dia inteiro, para as limpezas, com nítido prejuízo para as actividades lectivas.

Isso é incrível, e pouco pedagógico, porque, as crianças crescem, interiorizando que, quando chove, não se vai as aulas, quando há motivos de festas, também não se vai as aulas. Enfim um mau exemplo para o cidadão de amanhã.

Sugestão para um Dia das Crianças?

Em vez de se por a criança a dançar e a kotá kadela (forro) ou cumbas (lingui'yé)⁵, pode-se programar um dia divertido na Escola, com lanches (sandies, sumo e água). As actividades lúdicas poderão passar por:

Gincana; corridas de saco; corridas de estafetas; saltar à corda; jogo do lenço; jogo do “mata”; ginástica; saltar ao eixo; lançamento de bola, e outros jogos educativos.

Regra geral, no nosso país, torna-se difícil, por estes e outros motivos, ser-se criança, no verdadeiro sentido do termo.

⁵ São movimentos executados por indivíduos do sexo feminino, com meneios exagerados do quadril, que sugerem uma forte conotação sexual.

Muitas crianças são privadas – pelos adultos – de princípios básicos universais, tais como: o direito a ter um pai e uma mãe; o direito a ter um nome; o direito a ter, pelo menos uma refeição ao dia; o direito a ir a escola⁶; o direito a ter afectos; o direito a brincar, entre outros.

Há, também, episódios, (relatados pela imprensa local e por alguns escritórios de advogados) constrangedores de crianças que são *vendidas* no arquipélago e esfumam-se para sempre do nosso convívio e da nossa pátria. Algumas dessas crianças desaparecem, simplesmente porque, *oficialmente*, elas não *existem*: não estão registadas em parte alguma.

Naturalmente que a enumeração de esses princípios não se esgota, nem tão pouco é verificada, apenas no nosso país. No continente africano, abaixo da linha do grande deserto do Saara, países existem, onde os conflitos permanentes de guerra civil, leva compulsivamente, as crianças do sexo feminino a serem transformadas em escravas sexuais e os seus pares masculinos em «*crianças-soldado*».

Um dia na vida de uma criança são-tomense: cenário hipotético (?)

Hoje, eu e os meus irmãos acordamos cedo, como é costume lá em nossa casa.

Nenhum de nós conhece o seu verdadeiro pai, pois ele prima sempre, pela ausência. Só conhecemos os nossos avós da parte da mãe. O nosso avô, homem cuja idade ronda os oitenta e muitos anos, costuma dizer-nos que «*pai*» é aquele que «*cria*».

A nossa mãe trabalha no seu dia-a-dia, saindo bem cedo de casa, geralmente, por volta das 4 horas da manhã. Ela vende de tudo – peixe fresco, jaca, manga, banana madura, mangustão, cajamanga – para arranjar comida para nós comermos. Ela chega a casa muito cansada e por vezes, não consegue arranjar comida que dê para todos.

Lá em casa, por vezes chove lá dentro, devido a forte ventania que se fez sentir na semana passada e, que levou uma chapa de zinco.

Temos 1 quarto, dividido com um pano ao meio, onde existe uma pequena cama que é onde a mãe descansa. Nós os miúdos dormimos todos juntos, do outro lado do pano (da cortina). A comida por vezes, falta, a bata que levamos para a escola é lavada pela nossa irmã de 8 anos, que ainda não sabe engomar.

A mãe costuma-nos dizer, entusiasmada, que um dia vamos ter a possibilidade de viver numa casa com três quartos, um para a mãe, outro para as nossas irmãs e outro para nós os rapazes. Será pelos vistos, uma casa, com água a correr dentro de casa (água canalizada); vamos tomar banho de chuveiro que deita água quente e água fria ao mesmo tempo; vamos ter jogos de play station na velha televisão que está a ser concertada, porque a imagem já não aparece no ecrã.

Enfim, a nossa mãe é uma pessoa que nos incentiva a estudar e a ter um bom comportamento na escola e no bairro. Ela diz-nos que se faltarmos à escola e, ao respeito aos adultos, ela zanga-se connosco.

⁶ A esse propósito, o senhor Ministro da Educação de São Tomé e Príncipe, afirmou, perante as câmaras da televisão (TVS) que “ há 22 mil crianças fora do sistema pré-escolar. Só 8 mil crianças frequentam, actualmente esse nível de ensino”. Estas declarações foram proferidas no Noticiário das 13 horas do dia 10 de Maio de 2014. Sintomático!!

Glávi na ká pégá fá, selá fê!⁷

Concluindo, as nossas Escolas⁸ ficam travestidas tanto no dia 25 de Maio como no dia 1 de Junho. A expressão *glávi na ká pégá fá, selá fê*, faz, aqui todo o sentido.

É que nessas datas os objectivos educacionais são literalmente subvertidos por todos os agentes de ensino: a elite dirigente, o Ministério da Educação, os professores, os funcionários administrativos, os Pais e os Encarregados de Educação, a sociedade em geral, que se divorciaram do seu papel: *Formar* o cidadão.

Convém apostar-se, de uma forma decisiva, na formação de professores, criando, ao mesmo tempo, mecanismos que permitam, também, expurgar o sistema. Esse procedimento deve ser efectuado de uma forma abrangente em todos os sectores laborais da Função Pública.

Há que pautar a nossa conduta pela meritocracia. A Administração Pública está, exacerbadamente partidarizada. O clientelismo⁹ leva muita gente sem qualquer traquejo de serviço público a ser dirigente (director-geral, director, chefe de sectores chaves, etc.).

A deontologia, o carácter, a ética, a moral, a responsabilização, e outros acervos profissionais, deverão fazer parte dos pré-requisitos da selecção dos futuros servidores do Estado.

⁷ Expressão idiomática são-tomense, que tem um forte teor de *reprovação* para a prática de *maus* costumes. Os anciãos usavam, amiudadas vezes, essa expressão. Tradução da língua forro para a língua portuguesa: Os bons princípios (boa educação, ética, moral, etc.) dificilmente são assimilados, mas o que é nefasto (comportamentos desviantes, como fumar produtos proibidos, beber, prostituição, roubar, etc.) adquire-se com imensa facilidade.

⁸ As nossas Escolas continuam a ter turmas, exageradamente, grandes, algumas delas com cerca de 80 alunos por sala, as casas de banho não funcionam, faltam janelas em grande parte delas. Faltam passadeiras para peões em frente as escolas. Os motociclistas e os automobilistas passam à frente das escolas como se fossem «pilotos» da Fórmula Um. É necessário haver muita prudência, por parte de quem conduz. Em frente as escolas, as crianças, que brincam, atiram a bola, que por vezes cai fora do recinto. Senhores condutores, não se esqueçam dessa velha máxima popular, que diz: *atrás de uma bola vem sempre uma CRIANÇA*.

⁹ Em São Tomé e Príncipe chama-se, na gíria popular, ao clientelismo: «padriagem». Esta expressão, provavelmente, quererá dizer, ter *padrinhos na cozinha*. No fundo quer-se referir a favorecimentos onde a «cunha» impera.